O COSMOPOLITA

Orgam dos Empregados em Hoteis, Restaurants, Cafés, Bars e classes conjeneres

ANO II — N. 15

Rio de Janeiro, 15 de Agosto de 1917

REDAÇÃO
Rua do Senado 215—217
Telefone Central 1499

A GRE'VE

O despertar dos trabalhadores

Acossados pela fome os produtores reajem contra a esploração capitalista

AS AURELINESCAS INFAMIAS DA POLICIA

Qual furacão implacavel e arrazador, veiu-nos de S. Paulo um sopro de revolta que sacudindo os trabalhadores, galvanizou-os para as grandes lutas da emancipação... A onda avassaladora dos famintos, ameaçou, então, romper os diques que a burguezia infame lhe opõe, e em avalanches formidaveis, esmagar as tiranias e indiziveis mizerias, desta sociedade de cevandijas e carrascos...

E por um momento de comovedora grandiozidade, viu-se de todos os recantos, bocas famelicas rujirem e braços descarnados ajitarem-se ao ar, em convulsivos movimentos d'ameaças...

Ao por demais torturante chicotear da Fome, as turbas se levantaram impetuozas, fujindo as arterias aos monstros despreziveis que lh'as rasgam, para sorver o sangue bom e generozo de que se nutrem.

Um fuljir de revolta iluminou as conciencias, fazendo-as perceber o profundo e imenso mar de injustiças em que de continuo se debatem, e a sordideza, a sordideza insondavel, dos que calcam sobre sua mizeria, todo o pezo de seus egoismos, num espantozo requinte de perversidade! Os liames malditos da escravização, que junjem ao carro do capitalismo a nobre e sofredora figura do trabalhador, sofreram repuxão de monta, e suas fibras já esgarçadas, breve estalarão num ultimo arranco, para a ruina irremissivel da sociedade burgueza que nos asfiixia.

Abatam muito embora aqui e ali os infamerrimos guardadores da lei, as figuras que surjem rebeladas para as lutas altissimas das liberdades vivificadoras; tripudie a cainçada dos senhores do ouro, sobre os corpos abatidos dos que estouram nas sajetas ou rebentam nas oficinas; encham-se as enxovias, disparem-se as carabinas, que em nada barrarão o caminhar da Idéa, que possante e majestoza iluminará no futuro os horizontes de uma sociedade igualitaria e sã.

* * *

Os acontecimentos ultimos, que trousseram em ajitação o nosso mundo obreiro, não obstante a grita insurdecedora dos burguezes, que vêm sempre em tais sucessos, obra de ajitadores, anarquistas, estranjeiros comissionados, etc., são irrefragavelmente as consequencias claras da fome que de ha muito faz do viver do trabalhador o mais espantozo dos martirios.

Partindo de S. Paulo os primeiros clamores de protesto a esse estado lastimavel em que se vê o trabalhador, cêdo se espalhou por todo resto do paiz, num resurjimento d'enerjias admiravel.

Não fosse a dezorganização lastimavel em que se acha o operariado, e seria esse movimento retumbante vitoria para a cauza, muito especialmente aqui no Rio de Janeiro, onde a não serem as chanfalhadas e mizerias da policia, pouco mais se rejistou.

Logo aos primeiros pruridos de gréve as autoridades policiais, romperam na missão que lhes é imposta pelos capitalistas, seus senhores, que é a de garantir seus interesses e privilejios, fazendo cair sobre os grevistas toda a intensidade de sua perseguição. Os "meetings" em praça publica foram formalmente proibidos e as associações onde os trabalhadores discutiam a questão, invadidas pela soldadesca, ao comando do incomensuravel jurisconsulto, que é o chefe de policia.

Numa palavra: os direitos de reunião, de associação, de manifestação de pensamento, foram, confirmando a regra, esmagados pela furia esbravejante do sr. Aurelino e seus sequazes.

Espavoridos ante os espetaculos odiozos das invazões dos seus lares, das agressões mizerrimas ás indefezas mulheres e inocentes criancitas, os operarios, que não estavam organizados para uma reação como se fazia então necessaria, viram-se impotentes para sustentar a luta tão brilhantemente encetada por seus camaradas de S. Paulo.

Houve o terror, a confuzão entre os trabalhadores, e as prizões feitas em massa vieram trazer a dezorientação geral dos grévistas.

Valeu, não obstante, por uma forte e precioza lição. Que aprendam agora os trabalhadores, que o protestar contra a tirania capitalista, é couza que sobremodo incomoda os governantes. Que só unidos, constituindo assim forças apreciaveis, poderão enfrentar a sanha dos mizeraveis capangas da burguezia, e fazer valer suas pretenções justissimas.

Disparai, canalhas! Assim não morreremos de fome...

Inutilidade das perseguições

Se o caciqué desta ré-publica e o seu titere infame da rua da Relação, conhecessem a Historia da Humanidade; se tivessem estudado, particularmente, a historia das perseguições politicas e relijiosas em todos os seculos; se soubessem o mal que têm feito aos seus partidos, os carrascos dos mártires de todas as seitas; se, finalmente, houvessem lido o livro—*Lois Psycholigiques de l'Evolution des Peuples*—de Le Bon, ter-se-iam convencido de que nada destróe as ideias, e não teriam perseguido, como perseguiram, as multidões de trabalhadores que vieram á praça publica, não sómente reclamar mais um pedaço de pão, mas, tambem, e com maior ardor, prégar uma nova doutrina, dizendo que a fome e a opressão devem e pódem dezaparecer do nosso planeta.

O melhor elemento de propagação d'uma ideia, é a perseguição aos seus adeptos. Ao serem estes espezinhados, mortos, encarceirados, é despertada a atenção de todo o mundo, que dezeja, então, conhecer a doutrina pela qual se sacrificam tão abnegados homens. Foi o que aconteceu quando do enforcamento, em 1887, dos nossos valentes camaradas norte-americanos (Hamon, *Psicolojia do Socialista-Anarquista)*.

A burguezia julgava que, matando aqueles anarquistas, matava tambem o seu sublime Ideal de redenção humana. Mas Parsons, que conhecia a Historia, Parsons, que tinha uma fé viva n'um mundo melhormente organizado, disse aos seus algozes:

«Creis que quando os nossos cadaveres hajam sido arrojados á bala tudo estará acabado?

«Creis que a guerra social se dará por terminada estrangulando-nos barbaramente?

«Ah, não! Sobre o vosso veredictun quedará o do povo americano e o do mundo inteiro, para demonstrar-nos vossa injustiça social que nos leva ao cadafalso: quedará o veredictun popular, para dizer que a guerra social não teamina por tão pouca couza».

De que valeram a morte de João Huss e a terrivel carnificina da horrenda noite de São Bartolomêu? De que serviram as perseguições movidas a Copernico a o queimamento de Giordado Bruno? O que adiantaram os vexames e sofrimentos pelos quais os padres fizeram passar Galileu, o inventor do telescopio? O que lucrou o clero com os insultos e deboches com os quais mimozeou Halley, Newton, Franklin e tantos outros cientistas?

Porventura não se contam, hoje, por milhões, os partidarios de João Huss? não está provado e aceito pela Egreja que, como diziam Copernico e Bruno, aterra é um grão de areia perdido na imensidade dos espaços? não está propagada a teoria de que a lua tem vales e montanhas como a terra? não estão postas fóra de duvida as afirmações de que os cometas estão submetidos á lei, e de que ezistem as leis da gravitação universal? não é verdade que os para-raios atráem as faiscas eletricas e que até os padres ja os uzam nas torres das suas egrejas e capelas?

Portanto, é injénua, é tola, é estupida, a pretenção do cão de guarda do prezidente desta jiringonça, em querer esterminar por meio do sabre, do trabuco e da pata de cavalo as ideias das quais está cheio o cerebro do proletariado moderno.

Joaquim Dicenta, já escreveu: «O ezército uza espingardas. Com elas póde matar muitos homens; mas o que não póde é esterminar uma ideia».

Os Torquemadas sempre foram inuteis, em todos os tempos. Nunca eles puderam destruir uma fé, uma crença. Nunca conseguirarm sufocar as aspirações de liberdade, nem amordaçar a boca dos que soltam gritos de protesto e de revolta contra a prepotencia dos tiranos.

Uns cáem esmagados, trucidados, mortos, mas outros se levantam, ainda mais corajozos, prontos a se sacrificar pela cauza que abraçaram, dispostos a vingar a morte d'aqueles que tombaram pelo mesmo ideal! E, assim, as ideias vão vivendo; a violencia não as consegue destruir. Principalmente o anarquismo, que concretiza todos os dezejos de justiça e de liberdade da plebe faminta e esguedelhada, que habita os tugurios imundos dos becos escuzos.

O anarquismo não morrerá. O anarquismo não morrerá porque ele não é uma invenção, é uma verificação, como disse Kropotkine (A Ciencia Moderna e a Anarquia). Ele brotou do seio mesmo das classes trabalhadoras, e é o resultado de uma longa evolução aperfeiçoadora.

Não se iluda a policia do feróz Aurelino: O periodo das gréves não terminou com as suas arbitrariedades. Ele durará enquanto ezistir o rejimen da esploração do homem pelo homem, e enquanto não ruborizar o horizonte o Sol do Grande Dia.

A essa sucederão outras gréves, mais jerais, mais violentas. pois, cada vez mais, os operarios vão se convencendo de que, pacificamente, não conseguirão nada das clases dirijentes.

As gréves são os prenuncios de uma grande Revolução popular, que deitará por terra o Estado e a propriedade privada do sólo e dos instrumentos de produzir.

Nada as impedirão, e qualquer obstaculo oposto á sua realização, só servirá para aumentar o odio dos trabalhadores a esta sociedade putrefaat, a apressar o dia da Grande Revolução emancipadora.

IZAURO PEIXOTO

A gréve

Até que emfim! Até qne emfim parece o operariado do Brazil despertar do longo e pezado sono de indolencia em que esteve imerso até agora!

Ei-lo finalmente erguido, a conquistãr direitos, a reclamar contra a escassez dos seus salarios, a demonstrar, em praça publica, o que é a sua vida mizeravel de proletario, a patentear a esploração de que é vitima. E vemo-lo corajozo e firme, desde o começo da gréve, a ajir solidariamente contra os males que o aflije. Vemo-lo persistente no que ezije. Que não dezanimem os operarios. Continuem concientes e tenazes na sua obra de redenção da classe a que pertencem!.,. Persistam nesse grito emancipador de revolta!... Permaneçam nessa atitude reivindicadora, a clamar contra a sua mizeria e contra as instituições que a ocazionam!... Permaneçan nessa firmeza de animo que até agora têm demonstrado!... Não cedam uma linha!... Intransijentes, fortes, armados para reajir contra as hordas inimigas, concientes na sua obra, inquebrantaveis no seu querer, concios do seu poder, devem os operarios levar avante a sua revolta, afim de que possam, emfim, conseguir triumfantes a emancipação completa do operariado, até hoje vilipendiado, escravizado, massácrado e e explorado cinicamente pelos capitalistas e governantes, e pelo clero, por toda essa minoria sugadora do sangue proletario!...

* * *

...Sim. Os operarios têm-se mantido firmes na gréve, a que estamos assistindo. Apenas num cazo, eles demonstraram fraqueza: é no cazo da invazão das sédes operarias pela soldadesca dezenfreada, assassina e opressora do não menos facinora, o façanhudo, repelente e infame Aurelino Leal, cujas proezas são de todo o povo conhecidas. Os operarios deveriam esperar essa agressão; ela foi um fato naturalissimo. Porque a profissão da policia é sempre a mesma: garantir o capitalismo e o governo; sufocar qualquer grito de protesto e revolta contra essas entidades improdutivas. Ora, os operarios declararam a gréve atual para protestar contra a esploração de que são vitimas, para clamar pois contra o capitalismo. Logo, deveriam prever qual seria o papel que a policia iria dezempenhar. Deveriam prever e imediatamente se preparar para oferecer rezistencia ao ataque dos canibais chefiados por Aurelino & Cia. A ação da policia, invadindo as sédes operarias, foi, como acima dissemos, muito natural, dada a sua condição de defensora do capitalismo. O que não foi natural é o fato de os trabalhadores terem permitido que essa caterva de larapios consumassem tal violencia sem haver reação da parte dos grevistas. Esse fato, porém, servirá de ezemplo: noutra vez já os operarios saberão o que têm a fazer; já então eles cuidarão dos meios de defeza...

HIEROCLES

Porque foi fechado o Centro Cosmopolita

Pretendendo justificar a inominavel violencia do fechamento da Federação Operaria e do Centro Cosmopolita, perpetrou mais uma vez o sr. Aurelino Leal uma serie infinita de mentiras e aleives, cada qual mais revoltante, confirmando deste modo o traço predominante do seu carater: o habito inveterado da mentira, em virtude da qual já conquistou a merecida alcunha de "Chefe da mentira" e com o qual ha de passar á historia do Brazil selvajem.

Disse o irrascivel Falcón baiano na ordem do dia que fez publicar, entre outras afirmações igualmente aleivozas e imbecis, o seguinte: "Quanto ao Centro Cosmopolita, de má fama, fomentador da ultima gréve geral que falhou, foi reaberto ha pouco com tendencias igualmente duvidozas".

Ora, é evidente que não é necessario o despendio de um grande esforço para se pôr em relevo a má fé e a imbecilidade de quem teve o

(Continúa na 2.a pagina)

VIVA A DEZORDEM!...

O terror e a confuzão estabeleceram-se no seio das gentes conservadoras, que pretendem manter pela violencia sistematicamente organizada a estabilidade da iniqua e deshumana organização social capitalista, em face da altiva e digna atitude assumida pelas classes proletarias.

O incremento que tomou em poucos dias o movimento grevista, estrangulado traiçoeramente pelos sequazes da burguezia, alarmou seriamente os capitalistas que não compreudendo como tinham os seus escravos a ousadiã de revoltar-se contra a vil e tiranica esploração de que são vitimas por individuos de estatura moral tão em miniatura, ordenarão aos seu esbirros imediata ezecução de enerjicas medidas de carater repressivo no sentido de impedir o alastramento perigozo da gréve que ameaçava o *sagrado* direito de propriedade e impedia o livre gozo das riquezas acumuladas a espensas de tantos sofrimentos e lagrimas vertidas por gerações de proletarios que passam anonimos pelo cenario da vida humana.

Os potentados não podem consentir que os pioneiros da civilização e do progresso, os produtores de todas as riquezas sociais, os trabalhadores honrados, de peito descoberto, de fronte altiva e punhos cerrados os sorprendam no interior dos seus palacios no luxo e na grandeza, malbaratando em refinada orjia o produto do trabalho alheio. Era necessario evitar o confronto perigoso da vida opulenta que desfrutam as classes abastadas, que nada produzem, com a vida cheia de privações e mizerias que desfrutam as classes proletarias das quais são provenientes todas as riquezas sociais. Eles não conhecem outro direito que não sejam os seus privilejios, não respeitam outra liberdade que não seja a sua prepotencia.

Partindo desse principio deshumano, sobre o qual está fundamentada a *ordem* social, o seu procedimento, ordenando que os proletarios em gréve fossem massacrados, encarcerados e suas organizações clauzuradas; não podia ser mais coerente. Nós estimamos e nos rogozijamos pelo sucesso das nossas previzões anarquicas. Os governantes apavorados num acesso de loucura vieram ao nosso encontro.

Muito bem. E' plauzivel e benefica tal coerencia e dela os propagandistas devemos sem perda de tempo tirar grandes e valiozos proveitos para a nossa cauza.

So assim a nossa propaganda de um melhor estar futuro será fecunda e frutifera no seio das multidões, porque infelizmente até hoje não era sempre que o povo via na espozição teorica dos fatos, uma realidade palpavel e convincente. Mas até que enfim os fatos, em si, vem corroborar o nosso asserto. Não é mais mais a dialetica instigadora do anarquista, que fala, agora é a policia com as suas carabinas e as patas dos seus cavalos que tem a palavra.

A policia desempenhou o seu papel. Compriu fielmente as ordens dos seus amos. Varrendo as ruas da cidade a pata de cavalo e chanfalho, sem o minimo respeito pelos velhos, pelas mulheres e pelas creanças: "E' necessario limpar a cidade dos dezordeiros". A massima ezecutou-se. Os *desordeiros* que impelidos pelas necessidades ecouomicas e pela escravidão moral a que estão submetidos na sociedade, abandonaram o trabalho, fazendo uzo de um direito sagrado eram honrados trabalhadores, que por serem dignos mereceram o epiteto de *desordeiros*.

Desconhecendo os revezes das lutas sociais os *desordeiros* atemorizaram-se com a atitude quixotesca da policia, e no dia seguinte estavam moivmentando os maquinismos das grandes fabricas e davam vida com a sua presença nas oficinas. Esses eram os *desordeiros* que vinham á praça publica. com os seus trajos andrajosos, com os rostos cadavericos e famelicos, reclamar pão e justiça para si e para milhares de velhos e crianças.

Está consumado o fato. A cidade esta em paz. A imprensa mercenaria, apoiada pela camarilha, parazitaria faz alarde e congratula-se pelo restabelecimento da *ordem*.

Pobres idiotas! como nos aussiliam, sem darem conta, a demolir o vosso castelo de previlejios. Para eles já terminou tudo. O mal qne arrastou tantos milhares de trabalhadores a paralizar a produção das riquezas, já foi estinto. Presentem efeitos mas não investigam as cauzas. Remedios eficazes aplicaveis á cura. Que o seu procedimento seja sempre esse. A ordem esta restabelecida, clamam satisfeitos.

E' uma irrizão ter a petulancia, a desfaçatez, o escandalo de falar-se em ordem numa sociedade em que a esploração do homem pelo homem, o rejimen iniquo da propriedade e a deshumana dezigualdade de classes, em que esta fundamentada essa ordem podre garantida pelo Estado, não póde justificar-se a não ser pela força das baionetas. Esta harmonia aparente de interesses que reina na sociedade capitalista não é ordem, é a rapina, a escravidão, a tirania e a mizeria imposta pela força, organizada sistematicamente por uma minoria de malfeitores que assaltou, violentou e estorquiu através dos tempos até que chegaram á concluzão de consubstanciar no Estado de hoje essa série de crimes hediondos praticados contra o direito, a justiça e liberdade individual. Não póde ser outra a orijem da propriedade, assim como não se concebe d'outra fórma a ezistencia do Estado que legalizou tanta selvajeria.

O produto de tanta infamia praticada atravéz da historia é o que hoje se chama ordem.

A ordem social consiste no respeito sagrado a esses atos de banditismo. Pois bem sejamos com honra os dezordeiros no prezente, trabalhando pelo advento da paz futura, da ordem bazeada na igualdade de classes, fundamentada na massima comunista: "De cada um segundo as suas forças e a cada um segundo as suas necessidades".

R. Rodrigues Martins

Porque foi fechado

— o —

Centro Cosmopolita

(Continuação da 1.a pagina)

descoco de escrever tais couzas. Em todo cazo, para que não fiquem sem um protesto as afirmações da ordem do dia da ditadura policial, aqui vão alguns comentarios restabelecedores da verdade.

Quanto á tremenda acuzação de ser o Centro Cosmopolita o fomentadar da gréve geral de 1915, nós preferimos deixar sem comentario pela razão muito simples de não podermos desperdiçar o nosso tempo com esta tão acaciana acuzação. Não nos parece que a gréve seja um meio de luta estranho á organização operaria... E quanto á historia da reabertura do Centro Cosmopolita, é produto unico da inventiva fertilissima do insigne camelot *do direito torto ali de Palacio do Relação. E' agora a primeira vez que o Centro é vitima da sanha policial; por ocazião da gréve de 1915, a policia, chefiada pelo mesmo Aurelino, não se atreveu a tanto, sem sabermos o que a teria inspirado na primitiva atitude, podemos, no entretanto, avançar que a celebrada conciencia juridica do sr. Aurelino em nada absolutamente contribuiu para que na gréve de 1915, "fomentada pelo Centro Cosmopolita", fosse respeitado o direito de associação; para esse prudente respeito contribuiram sem duvida fatores de maior monta, entre os quais a certeza que tinha a policia da dispozição em que se encontravam os grevistas de manterem em sua plenitude, a todo transe, os seus direitos sagrados, não era dos menores.*

O que é necessario, porém, dizer-se é que a policia fechou as sédes da Federação e do Centro apenas porque via nessa manifestação de violencia e despotismo um meio seguro de ugular o movimento que já aprezentava um carater alarmante para a burguezia. O Centro Cosmopolita não havia tido, até então, (infelizmente) nenhuma participação no movimento, e se a houvesse tido não haveria certamente nisso motivos para envergonhar-se; o Centro reprezenta uma coletividade de trabalhadores que, como os seus demais irmãos sofrem os horrores indiziveis da esploração capitalista, e juntando a sua voz aos clamores que o proletariado erguia contra o atual estado de couzas teria cumprido o seu estrito dever. Cedendo a sua séde social para que nela realizassem as suas reuniões algumas das classes em gréve, o Centro Cosmopolita fe-lo em obediencia a um sentimenio que pela sua grandiozidade não póde ser partilhado pela alma tacanha de um beleguim policial: a solidariedade que sentimos pelos que lutam pelas causas nobres.

Centro Cosmopolita

A 31 de julho findo completaram-se quinze anos da fundação do Centro Cosmopolita.

Nesse dia, conforme determi- espressa dos seus estatutos sociais, deveria ser empossada, em sessão solene comemorativa da data, a administração eleita para o novo periodo social. Entretanto, a ditadura policial, encerrando violentameate a nossa séde social, impediu que a referida solenidade tivesse logar naquela data, sendo adiada para dia que será oportunamente marcado.

Deixamos de publicar a lista dos companheiros que compõem a nova administração, em vista de terem alguns deles recuzado os respetivos cargos e ser provavel que, em consequencia, haja novas eleições gerais

Para tratar deste assunto, bem como de outros de suma importancia social, reunese quinta-feira, 16, a assembléa. E' necessario o comparecimento de todos os companheiros, em vista da importancia das questõs a rezolver.

No prossimo sabado, o comp. Bento Alonso, realiza no salão do Centro Cosmopolita um festival em seu heneficio para conseguir recursos para uma operação cirurjica a que necessita submeter-se com urjencia.

Tratando-se de um velho e incansavel companheiro de lutas é justo que a solidariedade dos camaradas o não dezampare.

Na nossa redação encontram-se é dispozição dos companheiros os respetivos ingressos.

Em consequencia do encerramento do Centro Cosmopolita, em cujo edificio está instalada a tipografia do nosso jornal, não o pudemos publicar em 1 de agosto.

O comando em chefe da Barraca de Tancos

Vivemos numa sociedade em que a competencia, a intelijencia, a hombridade e a virtude não são qualidades suficientemente capazes de fazer com que o homem triunfe na luta pela vida.

A astucia dezenvolvida pelos ignorantes impedidos de medir consequencias devido ao acanhamento do seu cerebro, e o protecionismo dezenfreado que favorece sempre, por ecelencia, os individuos recomendaveis pela sua alma de lacaios, coloca em destaque na sociedade tipos indignos que reunem todas as qualidades despreziveis, que aviltam e deturpam os sentimentos mais nobres de justiça.

D'ai, como concluzão lojica, é natural depararmos na luta pela conquista do pão com patrões mizeraveis capazes de praticar toda sorte de puzilanimidades e baixezas contra aqueles que com o seu trabalho e intelijencia contribuem eficazmente para o seu bem estar.

Mas se é verdade que achamos essa concluzão lojica e natural, nem por isso é admissivel aprova-la com o nosso silencio. Devemos permanecer altivos no nosso posto combatendo ardorozamente essa mizeria moral.

Se admitimos o determinismo social e convimos que o meio faz o individuo ezercendo sobre ele poderoza influencia, tambem não perdemos de vista aqueles que mais encarnam a tirania e a esploração que a ordem social capitalista tem legalizada.

A sociedade burgueza, abraçando o principio iniquo da esploração do homem pelo homem, coloca os individuos em pozições diametralmente opostas. Uns vivem esplorándo, outros vivem sendo esplorados. Deste circulo de ferro ninguem póde sair. Estamos num beco sem saida.

Mas naturalmente que dentre aqueles que por determinismo são colocados no campo da esploração, ha eceções, embora rarissimas.

Uns são altruistas no modo de ezercer as suas funções, mais humanos; outros são mais refinadamente egoistas e portanto mais deshumanos. Nós, notamos perfeitamente essa diferença mais ou menos relativa. Entretanto entendemos que assim como não devemos elojiar os que são relativamente bons, devemos atacar ezacerbadamente, com a repulsa digna dos nossos sentimentos de homens livres, os que são ezajeradamente maus. Tal é o propozito que nos anima no cazo que passamos a relatar obedecendo aos nossos principios e á orientação que traçou "O Cosmopolita". Trata-se de um desses individuos que anda no mundo por ver andar outros. O que menos o preocupa é saber de onde vem e para onde vai. Mas entretanto como reunisse, quando empregado, todas as qualidades incompativeis com a dignidade humana, foi aproveitado para ser patrão, assim como o podia ser para policia, carcereiro ou carrasco, empregos que estão de pleno acordo com a sua estatura moral dado o furor do seu odio renitente contra todas as almas humanas que preconizam sagrados principios de liberdade e justiça, contra aqueles que não concretizam todas as suas aspirações em torno das necessidades do estomago.

Como era de esperar, de acordo com o seu programa preconcebido anteriormente, tratou de cativar as necessarias simpatias dos negociantes atacadistas o que lhe valeu a aquizição imediata de titulos honorabilissimos como sejam o de negociante ezemplar, honrado, fiel respeitador dos seus compromissos comerciais, e pontual no pagamento das suas contas, etc., etc. Como ponto final, credito aberto nos grandes armazens, a discrição.

Esse foi o rezultado imediato do seu habilidozissimo sistema. Porém, quanto mais ampliava os seus processos como "taverneiro" ezemplar, mais restrinjia as liberdades dos seus empregados e os seus mesquinhos ordenados.

Colocado á frente de uma caza de chops, na rua Joaquim Nabuco, os seus empregados, aqueles que a espensas do seu trabalho garantiam a pontualidade do seu amo com os fornecedores, nunca trabalharam mais de 24 horas... Quanto aos ordenados desnecessario será comenta-los; para evidenciar a sua "largueza" basta dizer que o atual proprietario de uma caza de petisqueiras tem o valor de pagar a seus empregados, alguns dos quaes chefes de familia, com a insignificante quantia de 50$000 mensais.

Isto para defender o seu prestijio comercial á custa do sangue uzurpado aos seus aussiliares. Mas, ainda não é tudo. Tem manias interessantes. Não póde admitir que o empregado se vá embora da sua caza sem que ele tenha o prazer de o mandar. E' um castigo que ele gosta de infrinjir aos seus subordinados, livre como se sente neste paiz "livre" (onde a lejislação operaria está no tinteiro) de proceder de acordo com os seus instintos maquiavelicos. Acontece que um d'eles, o copeiro, não podendo suportar por mais tempo o pezo da sua intoleravel estupidez, rezolveu deixar a sua caza em paz, antes mesmo do fim de mez.

Como, porém, isto seria uma afronta aos seus "brios" e um grave desprestijio a sua autoridade patronal, entendeu de não pagar no dia devido, isto é, no dia de pagamento, — dia aliás estipulado bem pouco de acordo com as urjentes necessidades dos seus empregados.

E' fóra de duvida que, para o comerciante que faz o pagamento dos seus empregados com 9 dias vencidos, é bastante vantajozo. E é talvez por isso que ainda agora a pobre criança espera receber o mizero ordenado tão amargamente ganho e tão atrozmente especulado por um patrão pouco escrupulozo.

Salve-se, porém, o prestijio comercial, a seriedade e a honradez e esperemos tranquilos o dia em que possamos fazer o necrolojio da "Barraca de Taucos" com o seu proprietario e recolhido a uma ilha, vivendo no meio de féras.

REI DO MUNDO

RAZÕES E EFEITOS

E' ingloria e inutil a ação do operariado dentro da area pacifica, dentro dos limites da legalidade convencionada, quando as cauzas dos conflitos e os fatores da rebelião são as proprias organizações legais, quer politicas, quer economicas ou relijiosas.

Porque ezistem os conflitos economicos, a abastança dos esploradores e a mizeria dos produtores, senão em consequencia da organização economica dirijida pelo intermediarismo açambarcador?

A variação de valores para uma mesma couza ou objeto o que é senão a insuficiencia e perniciozidade do proprio valor convencionado?

As espropriações de que se dizem "vitimas" as classes parazitarias, o que representam senão uma inevitavel e justa medida por parte d'aqueles que sentem fome e têm um vizinho abastado, um deputado, um comerciante, um juiz ou um relijiozo profissional?

A ignorancia a que está condenado o povo, o que é senão o efeito do privilejio da instrução, posto que essa mesma instrução é valorizada ou então inatinjivel aos filhos da plebe sofredora porque desde tenra idade precizam vender jornais, trabalhar em fabricas, em oficinas, e, nos cazos de orfandade, tem de esmolar aos parasitas para ajudar suas mães e seus irmãozinhos menores, pois que como aprendizes, embora trabalhando regular numero de horas, produzindo mais em 1 hora que um lacaio do palacio em 100 anos, não ganham nem o suficiente para uma camiza?

O cometimento do "crime", o que é senão a consequencia da propria lei?

Porque "rouba" um individuo senão porque sente falta de alguma couza quando essa mesma couza eziste para todos?

Porque eziste o divorcio, a "vergonha" do adulterio, os assassinios por esses motivos, senão porque os conjujes são escravos reciprocos, não tendo a liberdade de amar, não lhes sendo permitida a perfeita afinidade, porque se contratam economicamente?

Porque são as donzelas arrastadas ao prostibulo senão em consequencia da falta de educação natural e da repulsa da sociedade que a deshonrou?

Porque eziste o estelionato senão em consequencia de uma convenção imposta aos homens e que nunca poderá prevalecer porque o trabalho e o consumo perfeito não comportam limitações e regras, governos e valores, porque eziste esse suposto crime senão em consequencia do valor documental creado e que portanto o individuo pode recorrer a ele porque para matar a fome todos os meios são honestos.

Porque ezistem as lutas fizicas ou armadas entre os endividuos, senão em consequencia do egoismo movido pelo sistema economico, pela falta de educação a que estão condenados, pela impedernida convicção patriotica, pela luta de interesses, pela defeza da "mulher-propriedade"?

As guerras, o que são, senão a consequencia fatal da luta economica entre as nações e da ambição de dominio politico?

Em que concorrem os produtores para o rebentar da guerra, senão construindo armamentos para se mutilarem reciprocamente?

Quais os verdadeiros cauzadores da guerra senão os componentes do Capital e do Estado que querem esplorar e ter dominio politico?

E se as cauzas de todos os males que afligem a humanidade estão claras e viziveis na propria Lei, na propria organização Economica, onde está a violencia? — No povo que comete o "crime" ou na Lei e na organização economica que determinam o mesmo crime?

Quando um homem é tuzilado, quem tem crime? — O soldado que atira ou a lei que manda matar?

Assim, na atual sociedade, o crime não está nos que o praticam senão na Lei e na organização economica que os manda praticar, sob pena de morrerem de fome ou cairem no ridiculo social!

E para que não se verifique o efeito que prejudica o que é necessario fazer? — Esterminar ou evitar a cauza.

Mas como a organização social prezente não se póde evitar porque vivemos nela e dela somos escravos, o que é necessario fazer? — Esterminar.

Verificamos com isso que não ha modificações, não ha reformas de leis possiveis de sanar a angustia da humanidade. Uma nova lei, tornar-se-a, como sempre, a cauza de um novo conflito, de um novo crime passivel de pena, visto que ezije a sua observancia e como a lei não é observavel porque é incapaz e violenta, os individuos cometerão mais um crime?

E, por premio ao cumprimento da mizeria, do cometimento do crime a que estão condenados pela Lei e pela organização economica os individuos têm da mesma Lei uma sentença, uma prizão, um calabouço, uma forca uma guilhotina, que... *os operarios construiram, que os obreiros ergueram!*

Qual o premio do patriotismo?

A morte mais horrivel nos campos de batalha!

Ante o que ai fica dito, — palavras de um louco, dirão os grevistas que fazem contratos de 11 1|2 horas de trabalho e confiam a sua cauza a quem tem as mãos sujas de sangue— ante a inutilidade das gréves, ante a necessidade de não mais morrer de fome, de não mais ser condenado a matar um homem por um pedaço de pão, de não mais cometer crimes, de não mais habitar uma prizão durante 30 anos, de não mais ser espaldeirado pela policia e ouvir insultos de baixo calão proferidos por um tipo asqueroso, repugnante e passivel das mesmas consequencias que adviram a Falcon, de não mais subir a um patibulo ou ser fuzilado, de não mais matar e ser morto no campo patriotico da ambição e do dominio, o que é necessario fazer, qual a obrigação de todos os produtores, diretos ou indiretos, de todos os homens que compreendem a sua desgraça, senão revoltar-se imediatamente contra a Lei e contra a organização economica, enfim contra a organização social atual.

E' esse o dever, é essa a verdadeira gréve, a unica que salvará a Humanidade.

E' precizo fazer a Revolução e tornar uma verdade a Liberdade e o Direito á Vida!

Portanto, é precizo...

OTAVIO PRADO

O vocabulario do jurisconsultissimo Aurelino

Quando foi da violenta agressão ao Centro Cosmopolita por parte da inqualificavel cachorrada do sr. Chefe de Policia, as familias e demais pessôas que estacionavam defronte ao edificio onde funciona o nosso Centro, foram sursreendidos pela linguajem insolita e admiravel que o famijerado prevaricador, réo forajido da justiça baiana, houve por intelijente empregar. As prostitutas das mais lobregas vielas desta cidade, quando zangadas mesmo, não dezenvolvem tantos conhecimentos de linguistica pornografica,

O sr. Aurelino, indignado esbravejava, invectivava, ordenando a invazão do Centro, e dirijindo a sua cachorrada, falava de tal modo á fazer encabular o mais sífilizado tarimbão.

Isto, porém, nada foi, nos afirmaram depois, em confronto com sua pompoza linguajem domestica, aqnela que ele faz ouvir, nos dias em que ha encrencas, lá por casa...

A'S ARMAS!

Sobre a projetada deportação de operarios estranjeiros, e aos quais o jurisconsultissimo e inquizidor Chefe de Esbirros (quero dizer Policia) teima em chamar de ajitadores anarquistas da peior especie, monturo dos paizes estranhos, vem a pêlo lembrar um manifesto publicado por um grupo de anarquistas nacidos no Brasil, por ocazião de uma gréve em 1915.

Nesse manifesto os anarquistas faziam ver ao povo as ameaças da prezidencia, que acenava com a lei de espulsão a todos aqueles que não tiveram a dita de nacer sobre o sólo desta malfadada terra de Cabral, agora colonia de um grupo de salteadores encazacados.

A mesma ideia espressa ha poucos dias pelo Sr. Armilio Copal, o foi então pelo intelijentemente negativo Sr. Caláo. Qualquer couza, que ezerce o *alto, lucrativo e trabalhozo* cargo de Capataz desta Matróca.

Com que direito dispõe o Sr. Artulino Vial da vontade de cada um de querer morar onde bem lhe pareça?

Sua Ex., que mostra conhecer bem o Direito (sic) de qualquer côr ou especie, faria uma obra meritoria se fundasse as suas decizões em alguma lei, constituição, ou couza que o valha, porque se assim não for, somos capazes de crêr que nos achamos num ex-imperio, hoje republica, ou couza parecida, e onde os Chefes de policia e imperadores em paga de suas travessuras recebiam castigos bem significativos, como aconteceu, por ezemplo, com Alexandre III e Trepoff.

Declarou o Sr. Capitolito Chacal que os anarquistas não sabem o que querem. Como poude dizer isso o nosso Scarpia, se, como é de supor, nunca, jamais, em tempo algum, leu qualquer obra sobre anarquismo? Porque estou certo de que, se S. Ex., com a perspicacia que o carateriza, lesse a Conquista do Pão, a Dór Universal, ou a Psicolojia do militar profissional, se tornaria um dos mais fervorozos propagandistas do sublime ideal

de emancipação humana. Porque si o Sr. Aristolnio Cabral se desse ao incomodo de passear pelos bairros pobres da Capital veria quadros verdadeiramente horripilantes de mizeria, de fome e de pavor, aos quais o Sr. Chefe, pensando em sua familia, em seus filhos, não quereria carregar com a responsabilidade de amargurar mais os tristes momentos da vida de um paria da sociedade moderna.

Se S. Ex., espicaçado em sua curiozidade, dezejando saber mais, passeasse a pé pelas ruas dezertas, veria a multidão de infelizes rotos, com as carnes espostas ao frio cruciante das calçadas, dormindo ao relento, tendo por colchão a terra, o sólo patrio, que quando se achar em perigo chamal-o-á para que a defenda, e por cobertor a estrelada ou nebuloza abobada celeste, pevoada dos bemaventurados que egoisticamente lá habitam, sem um olhar de compaixão para tal ser terrestre.

Continuando sua viajem pelo mundo, (quero dizer pela cidade, porque em toda a parte veria S. Ex. a mesma couza) o Sr. Chefe pararia espantado á porta de uma caza em frente da qual grupos de maltrapilhos (os mesmos que dormem nas calçadas) esperavam por qualquer couza. Que caza seria esta? Um hotel. E que fariam esses homens? Alguem lhe responderia: São pobres infelizes que esperam pelos restos dos pratos deixados pelos freguezes, *gentil* e *soberanamente* cedidos pelo dono do hotel; restos que out'rora se davam aos cães e porcos ou iam para o lixo e que hoje servem para alimentar seres humanos, filhos ou não do paiz, mas que em cazo de necessidade terão de morrer por esse mesmo paiz defendendo-o de uma suposta agressão.

Mas para que estar aqui a cantar a Tosca a um surdo ou a mostrar quadros de Rembrandt a um cégo, se o Sr. Aureliano Narval quer ser cégo e surdo?

Sim; porque acima dos seus sentimentos de homem, S. Ex., como, de resto, a maioria dos homens, põe seus interesses pessoais e sociais, interesses estes impostos pelas leis em vigor na sociedade moderna.

De que serve estar a dizer a S. Ex. couzas que deve saber, se quando essa mesma Ex. deseja sair a passeio ou a serviço fa-lo encafuado no quente e agradavel recondito de um Pope ou Renault, e não póde, mesmo que queira observar o que se passa lá fóra. De que serve falar em mizerias a S. Ex, se seus filhos vivem á vida larga, como os filhos dos privilejiados na sociedade. Dirão: é a lei social, a uns mais, a outros menos. Concordo.

Mas no que não concordo é que esses privilejiados se tornem algozes dos mizeros infelizes que abaixam a cabeça a todas as opressões. Ah! E' para comover uma estatua de pedra.

Mas ... *Tout change* ... e não se perderá por esperar. A comoção será então transformada em força vingadora e estes que agora se declaram inimigos do povo verão erguer-se pela frente a onda avassalante dos párias, famintos e sedentos trabalhadores, a lhes pedir conta de seu infame procedimento.

Emquanto não vem essa nova Idade de Ouro, preparemos o espirito e o cerebro para que no momento precizo ergamos bem alto o signal da Débacle:

A's Armas!

M. B.

O arrojo de um jornalista

E' fatal que, ao manifestar-se qualquer efervescencia no seio do proletariado, ao dia seguinte apareça, pelas colunas de certo vespertino, o conhecidissimo coronel Medeiros e Albuquerque, a aconselhar aos trabalhadores, do alto do seu saber profundo e vasto, tudo torcendc e tudo deturpando no afan d eos vêr de novo entregues á paz e a rezignação tão picia aos interesses capitalistas...

Nestes ultimos tempos, então, mais se tem caraterizado essa campanha tendencioza e contraria aos interesses sociais-economicos dos trabalhadores de todos os ramos de atividade desta capital. Não sabemos qual o oculto movel do seu objetivo: se defender os interesses capitalistas, apenas por solidariedade de classe com os seus pares na hierarquia social, ou se para fazer jús ás gordas propinas dos cofres capitalistas ou do tezouro do Estado, para qualquer dos quais concorremos todos nós, trabalhadores. O que é certo é que em todos os tempos, desde que rabisca na imprensa diaria, nunca vimos esta genial criatura ao lado dos oprimidos, pelo contrario, sempre o vimos, manejando o sofisma e o embuste, bater-se pelo interesse sordido do capitalista que não poupa esforços para nos reduzir á maior das mizerias.

E' bem possivel que para o seu reacionarionarismo o rejimen da escravatura negra estinta no Brazil em 89, perdure ainda estensificada até aos brancos.. Verdade seja que essa especie de escravos era infinitamente mais bem tratados do que os supostos libertos de hoje, não em virtude da generozidade dos senhores de então, mas sim pelo natural interesse em conservar o capital reprezentado pela pessoa do escravo. No entanto os trabalhadores de hoje não podem protestar contra o rejimem que os oprime, e apezar das decantadas liberdades tem que submeter-se a todas as arbitrarias impozições dos seus algozes.

A vida torna-se-lhes cada vez mais impossivel, não bastava a crize tremenda que todas as classes trabalhadoras estão atravessando agravada cada vez mais por essa deshumana conflagração mundial, cujas nefastas consequencias são demaziadamente conhecidas, e que reprezenta a ruina e a dezolação nos lares proletarios, para que nos viesse agora o sr. Medeiros e Albuquerque, com o seu eyoismo de satisfeito, taxando os operarios de vagabundos e dezordeiros, tão só porque eles protestam contra o mau estar prezente!

Não lhe dezejamos o mal de ver esse figurão partilhando das nossas amarguras proletarias para vermos se o seu modo de encarar a esploraão capitalista seria tão simplorio,

Arledrec

Mais uma infamia do dr. "Circulino" em perspectiva

Bento Alonso, é um espanhol, cozinheiro' que tendo vindo para o Brazil, em 1885, ha 32 anos portanto, aqui cazou-se com uma brazileira e aqui naceram todos os filhos, em numero de 14. Tem contra si, o fato de ser um homem honesto e trabalhador.

Com isso tudo não concorda o dr. "Circulino Leal", o homem da "conciencia juridica", o nortista que tem deshonrado o logar que tanto elevaram e honraram alguns juristas.

A cretinice do "Dr. Sessenta Réis", é tamanha, o seu dezequilibrio é tão manifesto que o defraudador dos dinheiros publicos, está procurando um meio de espulsar do territorio nacional o brazileiro Bento Alonso. Os seus 32 anos de rezidencia efetiva no Brazil, a sua mulher brazileira, os seus 14 filhos brazileiros, a sua honestidade inatacavel, tudo isso, que, para um individuo de cerebro normal, para um homem que tenha lijeiras noções de direito, de respeito á liberdade do cidadão, que soubesse o que é a Constituição, tudo isso seria um tremendo obstaculo, uma garantia a favor do Bento Alonso,

O Max Linder da rua da Relação, porém, é um individuo sem escrupulos, e não tem pela população desta infeliz cidade, o respeito que é obrigado a ter, e d'aí, estar procurando praticar o maior atentado de que ha noticia nestes ultimos tempos.

Bento Alonso, está ameaçado de espulsão, e se essa infamia se realizar, a população está na obrigação de ir os palacio da rua da Relação, agarrar pela gola o réo pronunciado pela justiça Baiana e atiral-o no fundo de um navio, entregando á mesma justiça, para corriji-lo e ao mesmo tempo ensina-lo a respeitar a liberdade individual.

(Da *Lanterna* de 1 do corrente)

FESTIVAL DE SOLIDARIEDADE

O abaixo assinado leva ao conhecimento dos seus camaradas e ámigos que o festival em seu beneficio que devia ser realizado no dia 28 de julho passado, na séde da Federação Operação, e que, por motivo do seu fechamento, não se realizou, terá logar no sabado, 18 do corrente, no Centro Cosmopolita, á rua do Senado, n. 215.

Os camaradas que o queiram aussiliar encontrarão os cartões na séde do Centro.

Previne, outrosim, que são validos os mesmos ingressos.

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1915.

Bento Alonso.

Lejislação social

Já vem de longa data no Brazil, a aspiração dos trabalhadores na responsabilidade legal nos acidentes no trabalho.

Neste paiz de politica desmoralizada pelos homens de destaque, não pelos seus talentos, mas pelos logares que ocupam, sem a competencia dezejada, sem estudarem, preparando cabedal necessario para as funções que ambicionam ocupar, preparam-se unicamente para forjicarem eleições, que não passam de grandissimas maroteiras, que praticam com grande habilidade meia duzia de patifes politicos profissionais em eleições fraudulentas, que garantem a eleição de qualquer individuo, desde que entre no conchavo dos chefes eleitorais, se quer ser satisfeito em ser *troço* nesta republica de insaciaveis politicos profissionais que trazem este paiz á matroca, locupletando-se nababescamente, tratando unicamente de enfeichar nos seus dominios as suas proles e seus decendentes em bem organizado feudo e em profundo detrimento desta população, que vive sobrecarregada de impostos, encarecendo a vida, implantando a fome, e, como alguem já disse que, «cada povo tem o governo que merece...» será bem possivel que a mizeria de que se sujeita esta população, desperte as enerjias adormecidas, revoltando-se e organizando um governo que mereça a sua confiança.

No cáos em que vivemos, em que um individuo não tem a sua liberdade assegurada, como promete as leis com que se jatam de ser liberrimas, bem democraticas... Essas leis não têm nenhum valor, dada a maneira aplicada, que negam os seus principios de que cada cidadão é igual perante a lei. E' muito chic, na verdade muito bom, mas quem de nós já tenha observado a pratica dessas leis que não passam de letra de fôrma?

Ai do humilde nesta terra; ai dos parias; ai das vitimas lezadas nos seus direitos, que revele um movimento de protesto. Ai estará o judas da lei para martiriza-lo, trancafia-lo no xadrez. Assim pratica e tem praticado esse homem prepotente, atrabiliario e arbitrario, que se diz apostolo da lei, cultor do direito... á sua maneira, á sua vontade... Não ha duvida, o governo passado esqueceu-se de que deveria ser o chefe de policia no seu governo esse sr. dr. Aurelino Leal.

Já vai longa a minha digressão quando não me era necessario dizer algo da mizeria politica de que é vitima este paiz.

Como nós sabemos, a eleição é a baze, é a essencia primordial das modernas democracias, é por ela que os democratas berram por mil trombetas demonstrando o seu alcance social. Pois bem. Chegado o dia do cidadão, notai bem, um diazinho só, dele ezercer o seu poder soberano, é um gosto ver-se pelos postes, nos andaimes, nas paredes velhas, enfim nos bairros operarios, uma profuzão enorme de manifestos de candidatos ao Parlamento, acenando com uma porção de beneficios ás classes trabalhadoras, entre as quais a tão falada regulamentação legal dos acidentes no trabalho. Pois bem. Quereis saber, camarada leitor, de quanto tempo vem essa promessa? Dezenterrai os arquivos do Parlamento e lá vereis que foi um dos primeiros projetos da Republica sob o governo provizorio.

Quem de nós, trabalhadores, poderá acreditar em politicos? Felizmente a maioria dos trabalhadores já reconheceram que a politica é sinonimo de bandalheira, mas bandalheira grossa desses dezenfreados anbicionistas das pozições rendozas.

(Continuará)